



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Cinema negro brasileiro: memórias e vivências no audiovisual contemporâneo ¹

Brazilian black cinema: memories and experiences in contemporary audio-visual

Suelem Lopes de Freitas

Palavras-chave: Cinema negro; identidade; audiovisual;

O texto reflete sobre as potencialidades de um cinema negro brasileiro. Para tanto faz um traçado histórico, trazendo marcos que foram importantes na construção desse território. Além disso, discute teoricamente as tensões entre a arte e a política através da ideia de cinema militante. A partir dessas questões propõe a análise do curta *Kbela* (2015), o qual carrega a potência de estar tanto em um campo de representatividade de mulheres negra, e que tem o papel de acelerar processos de mediatização deste sujeito social. Além de pensar sobre o florescimento estético ao potencializar as sensibilidades contemporâneas relacionadas, principalmente, às vivências de grupos que sofreram exclusões históricas e sociais.

A emergência de um cinema negro no Brasil é algo que vem ocorrendo através de recortes no tempo, em que em certos momentos ganhou potência, mas em outros foi esquecido. Recentemente, através de um conjunto de fatores houve uma potencialização das discussões sobre minorias sociais, debates vem sendo fomentados por movimentos sociais (feminista, LGBTQ, movimento negro), por movimentos dissidentes na internet,

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

pela mídia tradicional (jornais, propagandas, novelas), e também no campo acadêmico. Dentro disso, também ganha força o novamente o cinema negro, que propulsiona, dentre os principais focos de debate, a discussão sobre o racismo estrutural existente no Brasil.

O sentido de trazer à tona a vivência negra para se contar a história negra seja no cinema, na literatura, mídias, carrega a potência de contribuir para a elaboração de novos sentidos, com relação ao que é contado hegemonicamente, em que os negros são designados a interpretar personagens que tem um lugar social subalternizado. O negro no cinema, e mais, no audiovisual brasileiro, vem buscando conquistar espaços há muito tempo. Porém por muitas vezes quando se pensa em negros no cinema brasileiro não foram eles que estiveram na produção, ou que contaram a personagens negros. Há certos tipos de visibilidades que são estabilizadas com relação aos negros no cinema brasileiro, que aparece frequentemente relacionada a favela, ou as invisibilidades em que raramente aparecem dentre os personagens principais.

Pensando e então o cinema como um agente produtor de sentido na sociedade, entre muitas de suas potencialidades, existe a potência de construir, transformar, modificar perspectivas. Escolho trabalhar com a construção de perspectivas negras no cinema. Busco, dessa forma, pensar o cinema negro por um lado, alinhado a uma representação política, solicitada na militância, mas também em seu registro estético.

Trilhando caminhos para um Cinema Negro

Apresenta-se, inicialmente, a historiografia recente da participação do negro no cinema brasileiro. Este trabalho não tem a pretensão de dar conta de toda a historiografia do negro no cinema brasileiro, que já aparece como ator/personagem a partir do final do século XIX e como produtor a partir de meados dos anos 1960, mas propõe-se apresentar eventos e marcos que foram importantes na construção do Cinema Negro brasileiro.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Adélia Sampaio foi a primeira cineasta negra a produzir um filme de longa metragem no Brasil. Com a ajuda do jornalista José Louzeiro ela escreve o roteiro de *Amor Maldito* (1984). O filme narra a história do casal Fernanda e Sueli, em que a última comete suicídio, o desenrolar da história é o julgamento que tem Fernanda como ré, acusada de matar sua companheira. Durante os depoimentos aparecem *flash-backs* que remontam o romance entre as duas mulheres. O filme participou e participa de festivais, cuja temática são as questões do movimento LGBT, entre eles, o San Francisco International Lesbian & Gay Film Festival (SILVA, 2018, p. 48).

No livro *Dogma Feijoada*, de Jeferson De - diretor, roteirista e ator -, aparece o contexto em que ocorreu exposição do manifesto que carrega o mesmo nome da obra. O livro é composto de duas partes, na primeira, Noel Santos Carvalho traz uma breve historiografia do negro no cinema brasileiro. Na obra o autor conta que no ano de 2000 durante o Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo Jeferson De apresenta seu manifesto chamado *Dogma Feijoada*, em um debate realizado numa mostra do evento que era voltada para diretores negros. Nesse manifesto foram apresentadas proposições que ele chamou de sete mandamentos para um cinema negro brasileiro.

São eles: 1) O filme tem que ser dirigido por um realizador negro; 2) O protagonista deve ser negro; 3) A temática do filme tem que estar relacionada com a cultura negra brasileira; 4) O filme tem que ter um cronograma exequível. Filmes-urgentes; 5) Personagens estereotipados negros (ou não) estão proibidos; 6) O roteiro deverá privilegiar o negro comum (assim mesmo em negrito) brasileiro; 7) Super-heróis ou bandidos deverão ser evitados. (CARVALHO, 2005, p. 96)

O documentário *A negação do Brasil* (2000), de Joel Zito Araújo, apesar de o conteúdo não estar ligado diretamente com o cinema, ainda assim é um marco no audiovisual brasileiro, na medida em que reúne através de entrevistas e imagens de arquivos a participação de atores negros e atrizes negras em telenovelas brasileiras. O filme busca analisar os papéis atribuídos a eles, observando o quanto frequentemente eram escalados para fazer o mesmo tipo de personagem, como empregada doméstica ou escravo, reiterando a questão anteriormente explorada, que aparece nos filmes.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

A cineasta Yasmin Tainá ao constatar, em pesquisa durante o curso de cinema, que quase não haviam mulheres produzindo filmes no Brasil, resolve fazer *Kbela* (2015), que retrata, de forma experimental, a vivência de mulheres negras com o próprio cabelo. Após, durante a divulgação de seu filme em festivais, nos debates sobre cinema negro percebe que há diversos realizadores e realizadoras pelo Brasil que faziam seus filmes com pouquíssimos recursos, não conseguindo fazer uma grande divulgação de suas obras. A partir disso, em 2017, com a colaboração de outros realizadores negros Yasmin cria o Afroflix, uma iniciativa, que, através de uma plataforma colaborativa, reúne conteúdos audiovisuais online com produções que possuem pelo menos uma área de atuação técnica/artística assinada por uma pessoa negra. Pré-requisitos que assemelham-se aos do manifesto *Dogma Feijoadá*. Dessa forma, a plataforma colabora com a reascensão da discussão do cinema negro no Brasil.

Cinema Militante

Jean-Louis Comolli é um importante escritor, editor e diretor de cinema que deteve-se na discussão sobre como fazer um cinema militante que seja de fato efetivo. O cinema encena, fabrica, representa história – no sentido de torna-la presente para si, configurá-la, atribuir-lhe as formas que a tornarão definitivamente visível” COMOLLI, 2015 p. 168). O cinema é uma máquina que constrói a realidade, e que também é fabricado por ela, ocorrendo, dessa forma numa ambivalência. Longe de “refletir” determinado acontecimento, situação, ação ou realidade dada, o filme os constrói (quando não os suscita); ele os produz enquanto eventos fílmicos, realidades filmadas COMOLLI, 2015 p. 168). Sendo o cinema algo que cria a sociedade e também é criado por ela, ele não tarda em estar em processo, andando junto das demandas atuais, que visam a multiplicidade e que cada vez mais refletem no campo.

O cinema brasileiro contemporâneo transforma-se frente à “emergência de novos sujeitos de cinema e de novas de práticas cinematográficas que dão formas às lutas por



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

visibilidade e justiça dos segmentos sociais que se constituem historicamente como alvos principais das opressões” (CESAR, 2017, p. 102). Porém há uma resistência com relação a emergência de questões ideológicas/militantes no cinema, conforme a professora Amaranta Cesar (2017).

Dessa forma, torna-se pertinente pensar sobre as curadorias de festivais de cinema, lugar social que detém o poder de dar visibilidade a insurgência desse cinema de intervenção social (não sendo essa, obviamente a única forma de divulgação de uma obra, porém uma das principais maneira oficiais de divulgação). É necessário olhar para esse campo que colabora na construção do que pode ou não ser visto, que forma visibilidades e invisibilidades. Ulpiano de Meneses (2005) diz que é preciso ver o “conjunto de imagens-guia de um grupo social ou de uma sociedade num dado momento e com o qual ela interage” (2005, p. 35). É interessante que Cesar traz em seu artigo a posição tomada pelo curador da Mostra de Cinema Brasileiro de Tiradentes no texto de apresentação do evento, em que para ele os realizadores necessitam se legitimar antes como produtores de cinema do que de cinema político.

As sensibilidades de *Kbela*

O curta-metragem *Kbela* (2015) aborda a relação da mulher negra com seu cabelo, e, de forma experimental e fabulatória, mostra os retratos dessas vivências. Realizado por uma mulher negra, com personagens negras, ele imprime uma questão política de representatividade muito forte, voltada para o corpo negro. Porém a abordagem dessas vivências ocorre de forma não naturalista, em que joga com elementos já codificados no cotidiano, relacionado a pessoas negras, e com cenas estranhas, como cabeças que estão desassociadas do corpo. A cineasta Yasmin Thayná fez uma campanha de financiamento coletivo pela internet, arrecadando R\$ 5.000,00 para a realização curta-metragem. Sendo importante também lembrar que uma das principais inspirações desse filme, é o curta *Alma no olho* (1974) de Zózimo Bulbul.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

O filme traz uma questão histórica que é o alisamento do cabelo crespo e negro. Nele, há uma sucessão de retratos colados, montados de forma intercalada. Como se estivesse entrando e saindo de sonhos. Mas nas cenas contém uma unicidade, pois aparecem apenas mulheres negras, hora juntas hora separadas, num misto de solidão e cumplicidade, companheirismo. As cenas performáticas permeiam todo o filme; num dos quadros aparece, em tons de azul esverdeado, apenas a cabeça de uma mulher negra contendo, de um lado produtos diversos (cremes, óleo de cozinha, vinagre), e de outro, uma outra mulher negra sentada, enquadrada pela câmera do pescoço para baixo. Nesta cena, o corpo sentado passa os produtos nos cabelos, daquela cabeça, que parece passiva, recebendo camadas e camadas de produtos para arrumar o cabelo; o que causa uma provocação aos sentidos do espectador. Os cabelos crespos “rebeldes” recebendo sistematicamente toneladas de cremes: uma tradução artística que toca no sensível ao dialogar perfeitamente com a vida.

Uma mulher negra chorando sozinha aparece em uma outra cena. Num misto de angústia e silêncios ela curva seu dorso perto de uma janela. Após, aparece recomposta, em um plano fixo, do busto para cima, toda coberta de tinta branca, e conforme a atriz passa as mãos sobre seu corpo a tinta vai desaparecendo. Num sentido de retomada de si, aparece seu busto nu, purificado.

O interessante em *Kbela* é ter a produção de uma mulher negra, ser composto por atrizes negras, fazendo personagens negras, performando narrativas de vidas negras, que a princípio seria um filme só de representação, mas escapa disso ao jogar essa representatividade com o não linear, com *non sense*, com o não naturalista. Que usa de uma outra forma de sensibilidade para trazer uma questão que vem sendo vastamente discutida nas rodas de militância e também transbordando para fora dela. Dessa forma, refresca o olhar para questões, que até já viraram clichês para quem as discute, sabendo, ao mesmo tempo reproduzir a realidade de uma determinada vivência, mas também a fabrica.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

O pedido por representatividade no cinema pode estar ligado a uma idealização sobre o que é ser negro. Mas o interessante é que em toda a representação, que se promete estanque, há uma reserva de potência que ultrapassa os sentidos que estão propostos de antemão, podendo assim produzir novos efeitos, novos sentidos. O problema da representação, é que ela certamente não abarcará tudo o que diz poder representar. Porém a vivência negra merece, sim, um espaço no cinema, na medida em que ela abarca a potencialidade de produzir outros negros, renovar perspectivas. Ou ainda, num jogo de poder cinematográfico, modificar tipos de personagens, que de certa forma se estabilizam, pensar outros destinos para eles, e mesmo dentro de um destino óbvio, pensar novas linhas de fuga.

Referências bibliográficas

CARVALHO, Noel. Esboço para uma história do negro no cinema brasileiro. In: De, Jeferson. **Dogma Feijoadá**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo : Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2005, p. 17 - 101

CESAR, Amaranta. Que lugar para a militância no cinema brasileiro contemporâneo? Interpelação, visibilidade e reconhecimento. **Revista ECO-Pós**, [S.l.], v. 20, n. 2, p. 101-121, set. 2017. ISSN 2175-8689. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/12493. Acesso em: 13 Ago. 2018.

COMOLLI, Jean-Louis. O espelho de duas faces. In: YOEL, Gerardo (Org.). **Pensar o cinema**. Imagem, ética e filosofia. São Paulo: Cosac Naify, 2015. p. 165-203.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Rumo a uma “História Visual”. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby (orgs). **O imaginário e o poético nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 2005, p.33-56.

SILVA, Cleonice. Mulheres negras no audiovisual brasileiro. **Doc On-line**, n. 23, março de 2018. Disponível em <http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/doc/article/view/370>

Sites

www.afroflix.com.br. Acesso em: 10 Ago de 2018